

**ESCOLA DE COMANDO E ESTADO-MAIOR DO  
EXÉRCITO ESCOLA MARECHAL CASTELLO BRANCO**

**Maj Int MAURO ESDRAS ASSUNÇÃO DE MATOS**

**O CONFLITO DAS MALVINAS E SUAS  
CONSEQUENCIAS SOB A ÓTICA DO  
CAMPO DO PODER PSICOSSOCIAL**



Rio de Janeiro

2018

Maj Int MAURO **ESDRAS** ASSUNÇÃO DE MATOS

## **O conflito das Malvinas e suas conseqüências sob a ótica do Campo do Poder Psicossocial**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Escola de Comando e Estado-Maior do Exército,  
como requisito parcial para a obtenção do título de  
Especialista em Ciências Militares.

Orientador: Maj Eng Anderson Luíz Alves Figueiredo

Rio de Janeiro  
2018

**M425c** MATOS, Mauro Esdras Assunção de

O conflito das Malvinas e suas conseqüências sob a ótica do Campo do Poder Psicossocial. /Mauro Esdras Assunção de Matos - 2018.

44 f.: il. 30 cm.

Orientação: Anderson Luíz Alves Figueiredo

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ciências Militares) - Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, Rio de Janeiro, 2018.

Bibliografia: f. 45-46.

1. CONFLITO. 2. MALVINAS. 3. CAMPO DO PODER PSICOSOCIAL. I. Título.

CDD 997.1

Maj Int MAURO **ESDRAS** ASSUNÇÃO DE MATOS

## **O conflito das Malvinas e suas conseqüências sob a ótica do Campo do Poder Psicossocial**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Escola de Comando e Estado-Maior do Exército,  
como requisito parcial para a obtenção do título de  
Especialista em Ciências Militares.

Aprovado em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_\_\_\_.

### COMISSÃO AVALIADORA

---

Anderson **Luíz Alves** Figueredo – Maj Eng – Presidente  
Escola de Comando e Estado-Maior do Exército

---

**Conrado** José Sales Mororó – Ten Cel Eng – Membro  
Escola de Comando e Estado-Maior do Exército

---

Ângelo de **Oliveira Alves** – Ten Cel Art – Membro  
Escola de Comando e Estado-Maior do Exército

À minha esposa, meus filhos e meus pais, fontes de inspiração e exemplo.

## **AGRADECIMENTOS**

À Deus pelo dom da vida.

À minha esposa e meus filhos pela compreensão e por todo apoio prestado para consecução de mais um objetivo em nossas vidas.

Ao meu orientador, o Major Eng Luís Alves, pelas orientações seguras e objetivas e pela fidalguia demonstrada durante a execução deste trabalho, contribuindo sobremaneira no meu aprimoramento pessoal e profissional.

A todos aqueles que direta ou indiretamente colaboraram para que este projeto fosse concluído.

“A Guerra é a continuação da Política por outros meios” (Karl von Clausewitz)

## RESUMO

Os conflitos existem na humanidade desde os primórdios. A história da humanidade pode ser encarada como uma série de evoluções permeadas por embates entre povos, civilizações e, numa concepção contemporânea, entre Estados. A Paz de Westfália, que propunha o fim dos embates modernos, serviu apenas como marco dos conflitos, apresentando novos desenhos de guerras, com utilização de técnicas cada vez mais modernas e rearranjos estratégicos inovadores. O Conflito das Malvinas assume o perfil desses embates contemporâneos, desenhados por interesses políticos e de reafirmação da soberania nacional. Para ambos os contendores, Argentina e Reino Unido, havia muito coisa em jogo além de um arquipélago antes esquecido por boa parte do mundo, na imensidão do Oceano Atlântico. Vários aspectos merecem destaque e ser alvo de estudo diante desse recente embate. A presente pesquisa esboça um estudo analítico sobre a Guerra das Malvinas, numa visão geral, e com enfoque especial sobre o viés psicossocial. A partir da análise do Campo do Poder Nacional Psicossocial, levando em conta os modernos conceitos de guerra e suas causas, e considerando as particularidades das nações beligerantes, foi feito um estudo do Conflito das Malvinas, ocorrido no ano de 1982, percorrendo as conseqüências que perduraram para a nação argentina até hoje. Foi realizada uma pesquisa bibliográfica baseada em publicações e artigos científicos de autores de reconhecida importância no meio acadêmico, visando elencar os aspectos mais importantes do embate. Foi explorado também o manual de campanha do EB, o MD-51-M-04 Doutrina Militar de Defesa, buscando respaldo para as observações e conclusões realizadas ao longo do trabalho. Os resultados indicaram que os fatos e conseqüências observados merecem especial atenção, em virtude principalmente da atualidade dos eventos.

Palavras-chave: Conflito, Malvinas, Campo do Poder Psicossocial.



## RESUMEN

Los conflictos existen en la humanidad desde el origen de la misma. La historia de la humanidad puede ser considerada como una serie de evoluciones impregnadas por embates entre pueblos, civilizaciones y en una concepción contemporánea, entre Estados. La Paz de Westafalia, que proponía el fin de los embates modernos, sirvió apenas como marco de los conflictos, presentando nuevos dibujos de guerras, con la utilización de técnicas cada vez más modernas y reordenamientos estratégicos innovadores. El Conflicto de las Malvinas asume el perfil de esos embates contemporáneos, diseñados por intereses políticos y de reafirmación de la soberanía nacional. Para ambos competidores, la República Argentina y el Reino Unido, había mucho en juego además de un archipiélago antes olvidado por buena parte del mundo, en la inmensidad del Océano Atlántico. Varios aspectos merecen destaque y ser objeto de estudio ante este reciente embate. La presente investigación esboza un estudio analítico sobre la guerra de las Malvinas, en una visión general, y con un enfoque especial sobre el sesgo psicosocial. A partir del análisis del Campo del Poder Nacional Psicosocial, teniendo en cuenta los modernos conceptos de guerra y sus causas, y considerando las particularidades de las naciones beligerantes, se realizó un estudio del Conflicto de las Malvinas, ocurrido en el año 1982, recorriendo las consecuencias que perduraron para la Nación Argentina hasta hoy. Se realizó una investigación bibliográfica basada en publicaciones y artículos científicos de autores de reconocida importancia en el medio académico, con el objetivo de enumerar los aspectos más importantes del embate. Se exploró también el manual de campaña del EB, el MD-51-M-04 Doctrina Militar de Defensa, buscando respaldo para las observaciones y conclusiones realizadas a lo largo del trabajo. Los resultados indicaron que los hechos y consecuencias observados merecen especial atención, en virtud principalmente de la actualidad de los eventos.

Palabras clave: Conflicto, Malvinas, Campo del Poder Psicosocial.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Mapa das Ilhas Malvinas	13
Figura 2	Mapa com distâncias das Ilhas à Argentina e ao Reino Unido	33
Figura 3	Saldo geral de perdas na Guerra	34
Figura 4	General Leopoldo Galtieri	37
Figura 5	Militares argentinos derrotados em Porto Stanley	42

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CF/88	CONSTITUIÇÃO FEDERAL DO BRASIL DE 1988
EB	EXÉRCITO BRASILEIRO
ECEME	ESCOLA DE COMANDO E ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO
EM	ESTADO-MAIOR
ESG	ESCOLA SUPERIOR DE GUERRA
EUA	ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA
FFAA	FORÇAS ARMADAS
F Ter	FORÇA TERRESTRE
IDH	ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO HUMANO
MAJ	MAJOR
MD	MINISTÉRIO DA DEFESA
OIT	ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO
ONG	ORGANIZAÇÃO NÃO GOVERNAMENTAL
ONU	ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS
PMT	POLÍTICA MILITAR TERRESTRE
TEN CEL	TENENTE-CORONEL
URSS	UNIÃO DAS REPÚBLICAS SOCIALISTAS SOVIÉTICAS

## SUMÁRIO

1	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	13
2	<b>METODOLOGIA.....</b>	16
3	<b>CONCEITOS DE GUERRA.....</b>	18
3.1	MODALIDADES DE GUERRA.....	19
3.1.1	Segundo a intensidade o conflito.....	19
3.1.2	Segundo a abrangência do conflito.....	20
3.1.3	Segundo a forma ou desenvolvimento do conflito.....	21
3.1.4	Segundo o tipo de armas estratégicas utilizadas.....	23
3.2	PRINCIPAIS CAUSAS DA GUERRA.....	25
4	<b>O CAMPO DO PODER PSICOSSOCIAL.....</b>	27
5	<b>A DERROTA DA ARGENTINA NO CAMPO DE BATALHA.....</b>	30
6	<b>A DERROTA DO GOVERNO ARGENTINO APÓS A GUERRA.....</b>	37
7	<b>ANÁLISE DA ARGENTINA NO CAMPO PSICOSSOCIAL EM</b>	40
	<b>CONSEQUENCIA DAS MALVINAS.....</b>	
	<b>CONCLUSÃO.....</b>	44
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	46

# 1. INTRODUÇÃO

O Conflito das Malvinas foi uma disputa armada entre a Argentina e o Reino Unido, no ano de 1982, entre os meses de abril e junho, nas atuais Ilhas Falklands, Georgia do Sul e Sandwich do Sul, pela soberania sobre esses arquipélagos situados no sul do Oceano Atlântico, na plataforma continental da Patagônia.

As ilhas Malvinas, Geórgia do Sul e Sandwich do Sul são três arquipélagos situados no Oceano Atlântico, perto da costa argentina, que constituem um domínio colonial britânico desde 1833. Só as ilhas Malvinas têm uma população civil nativa permanente. Em sua maioria de origem escocesa, esta população se considera britânica e apóia a soberania inglesa sobre estas ilhas. As outras duas são ocupadas, essencialmente, por cientistas.



Figura 01 – Mapa das Ilhas Malvinas

Fonte: Anderson et al. (1982)

Nas ilhas existiram importantes postos de caça de baleias. Porém, a prática provocou o desaparecimento de numerosas espécies desses mamíferos nos mares austrais e fez com que a importância econômica dos três arquipélagos fosse reduzida.

A Argentina, segunda maior nação sul-americana, situada entre a cordilheira dos

Andes e o Oceano Atlântico; e o Reino Unido, Estado insular localizado em frente à costa noroeste do continente europeu, passavam por momentos complicados por ocasião da deflagração do Conflito das Malvinas. A Argentina era governada por uma Junta Militar que tinha à frente o Tenente-General Leopoldo Galtiere e que enfrentava graves problemas econômicos, como uma inflação anual de cerca de 90% e grande endividamento externo; além da perda gradativa do poder aquisitivo da classe média, enfrentando, portanto, crescente rejeição popular. Por seu turno, o Reino Unido, nação parlamentarista, tinha como primeira-ministra a conservadora Margaret Thatcher, que enfrentava grandes desafios em seu governo, por implementar reformas econômicas impopulares.

“À um príncipe é necessário ter o povo ao seu lado. De outro modo, ele sucumbirá às adversidades”. Valendo-se ou não dessa máxima de Maquiavel, os governos da Argentina e do Reino Unido embarcaram no conflito de maneira intensa, empregando todos os meios necessários para alcançar seus objetivos de guerra.

A iniciativa do conflito partiu por parte da Argentina. No dia 26 de Março de 1982, uma importante força naval argentina partiu de Porto Belgrano sob o pretexto de realizar algumas manobras com a frota uruguaia. Entretanto, uma semana depois, 92 mergulhadores dessa tropa desembarcaram no arquipélago, revelando sua real intenção, iniciando as hostilidades.

O mundo vivia, no período em que ocorreu o conflito, no campo político-militar, a chamada Guerra Fria. Era um conflito ideológico, iniciada após o término da II Guerra Mundial, entre os Estados Unidos da América (EUA) e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), vencedoras do combate a nível global ocorrido entre os anos de 1939 e 1945. Ambas as nações disputavam a dominação política, econômica e ideológica sobre os países do globo. Essas potências apoiavam financeiramente suas nações aliadas, principalmente por ocasião de eventuais conflitos. Entretanto, surgiu um impasse peculiar na Guerra das Malvinas: ambas as nações eram aliadas dos EUA, no chamado bloco capitalista; surgindo, a partir daí, uma questão a ser solucionada pela potência norte-americana: tomar partido ou não no embate do Atlântico Sul e, em caso positivo, qual nação apoiar.

O continente sul-americano, há tempo não era palco de conflito armado entre nações. O último grande embate, envolvendo grandes potências da região, havia ocorrido na segunda metade do século XIX, na Guerra do Paraguai, em que, segundo alguns historiadores, acreditam ter envolvimento, inclusive, do Reino Unido, apoiando o lado Aliado

do Conflito, contra o Paraguai, de Solano López. O embate estendeu-se por seis anos (de 1864 a 1870) e teve, como saldo, cerca de 71 mil mortos. O maior prejudicado na Guerra foi o derrotado Paraguai que, após o conflito, teve sua população masculina, acima de 20 anos, reduzida em cerca de 90%, além de perda de 40% do território que estava em litígio e obrigação de pagamento de pesada indenização. Mostrou-se, portanto, muito danoso o saldo para a nação perdedora. A partir de então, o Cone Sul da América não mais presenciou grandes embates entre Estados. A região possui, portanto, tradição pacífica.

Diante disso, constata-se que há inúmeros aspectos envolvendo a Guerra das Malvinas. Há maneiras distintas de analisar o conflito, levando-se em consideração diversos aspectos da conjuntura à época. Ademais, percebe-se que o embate não envolveu tão somente a disputa pela soberania da região.

## 2 METODOLOGIA

Em geral, a metodologia de pesquisa a ser realizada será a de pesquisa bibliográfica de autores relevantes sobre o assunto que abordem os fatos pertinentes ao estudo, bem como da análise do manual de campanha de Doutrina de Emprego, utilizado no Exército Brasileiro dentre outros manuais utilizados nas Forças Armadas de outros países.

A partir do conceitual teórico de Alda Judith Alves Mazzotti e de Fernando Gewandsznajder (2001) evidenciado em sua obra “O método nas ciências naturais e sociais”, a presente pesquisa se desenvolverá com referencial em investigações bibliográfica, documental e de campo, compreendendo as seguintes técnicas:

- Levantamento da bibliografia e de documentos pertinentes;
- Seleção da bibliografia e dos documentos;
- Composição de arquivos: as fichas bibliográficas de citações, análises e resumos serão confeccionadas;
- Estudo crítico, tabulação das informações levantadas e consubstanciação das questões de estudo.

Para a exposição das modernas teorias de liderança em voga no mundo acadêmico atual que sejam mais relevantes ao estudo teórico de liderança, será realizado um levantamento bibliográfico nos principais artigos científicos e livros que abordem o tema proposto.

No estudo dos fundamentos da Doutrina Militar, a pesquisa se baseará nos conteúdos constantes do Manual de Campanha MD51 M-04 – Doutrina Militar de Defesa (BRASIL, 2007), utilizado pelo EB, com a finalidade de se conhecer os conceitos e teorias sobre emprego militar.

A pesquisa pode ser considerada também, descritiva e explicativa. Descritiva, pois pretende descrever as principais teorias modernas de liderança existentes, e explicativas, pois procurará mostrar uma possível adequação destas teorias ao ambiente militar.

O método escolhido para a realização da pesquisa apresenta limitações, já que será abordado o embasamento teórico dos conceitos de conflito, não abordando, por exemplo, programas ou processos de emprego da doutrina militar praticados nas escolas de



formação, aperfeiçoamento ou especialização do EB.

A coleta de material será realizada por meio de consultas às bibliotecas da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, da Escola Superior de Guerra e da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais. Serão também pesquisados artigos científicos e manuais do Exército Brasileiro, além da rede mundial de computadores.

Por fim, o relatório da pesquisa constituir-se-á de um texto, em que constarão as questões – objeto de estudo – enfatizando a situação-problema dos aspectos do campo psicossocial do Conflito das Malvinas, assim como as conclusões e indicações referentes ao assunto. Nesta etapa, a clareza e a concisão na apresentação do conhecimento produzido será buscada, com a finalidade de se evitar várias interpretações. (ALVES-MAZOTTI & GEWANDSNAJDER, 2001, p. 126-127).

### 3 CONCEITOS DE GUERRA

Guerra ou conflito é um confronto sujeito a interesses da disputa entre dois ou mais grupos distintos de indivíduos mais ou menos organizados, utilizando-se de armas para tentar derrotar o adversário (FERREIRA, 1986), ou segundo Clausewitz<sup>1</sup>, “a continuação da política por outros meios”.

A Guerra pode ocorrer entre Estados ou entre grupos menores, como tribos ou facções políticas dentro do mesmo país. Em ambos os casos, pode-se ter a oposição dos grupos rivais isoladamente ou em conjunto. Neste último caso, tem-se a formação de aliança(s).

O conceito de quem são os combatentes também varia de acordo com o grau de organização de cada sociedade. As duas possibilidades mais comuns são civis retirados da população em geral, geralmente homens jovens, no caso de um conflito, ou soldados profissionais, formando exércitos permanentes. Também pode haver voluntários e mercenários. Combinações de vários ou todos estes tipos de militares também são freqüentes maneiras de fazer uma guerra.

O Conflito é, portanto, um fenômeno social caracterizado pelo choque de vontades decorrente do confronto de interesses, constituindo uma forma de buscar-se uma solução ou compromisso. No conflito, a hostilidade não se manifesta apenas pela violência física. Pode evidenciar-se por outras formas (econômicas, psicológicas e diplomáticas).

Existem diferentes formas de se classificar as Guerras, segundo o Manual de Doutrina Militar de Defesa MD 51 M-04 (Brasil, 2007), sendo: segundo a intensidade, a abrangência geográfica, a forma ou desenvolvimento do confronto e o tipo de armas utilizado. Algumas Guerras, entretanto, podem ser incluídas em mais de uma modalidade, quando se considera elementos como a escala geográfica ou a escala de intensidade do conflito, ou ainda as causas ou origem da conflagração. Uma Guerra pode possuir também várias causas, ou seja, causada por variáveis distintas, mas simultâneas. Raramente uma guerra tem uma única causa. Porém, Sun Tzu<sup>2</sup>, em seu tratado *A Arte da Guerra*, alerta que

---

<sup>1</sup> Carl Phillip Gottlieb von Clausewitz (Burg, 1 de junho de 1780 — Breslau, 16 de novembro de 1831) foi um militar do Reino da Prússia que ocupou o posto de general e é considerado um grande estrategista militar e teórico da guerra por sua obra *Da Guerra (Vom Kriege)*.

<sup>2</sup> Sun Tzu foi um general, estrategista e filósofo chinês, e que teria vivido no Período das Primaveras e Outonos da China (722 a.C. – 481 a.C.) como general do Rei Hu Lu. É mais conhecido por sua obra *A Arte da Guerra*, composta por 13 capítulos de estratégias militares.

todas são Guerras de conquista.

### 3.1 MODALIDADES DE GUERRA

#### 3.1.1 Segundo a intensidade o conflito:

Guerra total – A Guerra Total é o conflito que envolve todos os recursos de um Estado e de uma sociedade. Segundo Clausewitz, só existiria no plano das idéias ou do planejamento, e sua forma "real" seria a Guerra Absoluta (MARTINS, 2008). Travada entre os países europeus em diversas ocasiões, com objetivos políticos e econômicos. Exemplos: Guerras Napoleônicas, Primeira Guerra Mundial e Segunda Guerra Mundial.

Guerra limitada – Toda guerra que não se torna uma guerra total poderia ser considerada uma guerra limitada. Entretanto, esta seria uma modalidade muito específica de guerra, limitada no tempo e no espaço, com objetivos pontuais claros e bem definidos, geralmente envolvendo um cálculo razoável da relação custo-benefício da escalada do conflito. Campanhas rápidas visam a atingir objetivo político ou econômico com o menor desgaste possível. A maioria das guerras travadas entre Estados incapazes de sustentar um conflito longo ou de vencer uma guerra rapidamente pode ser considerada uma guerra limitada. Exemplos: as guerras fronteiriças entre Peru e Equador em 1941 e 1995, a Guerra Sino-Soviética de 1969, e a Guerra entre Índia e Paquistão na região de Kargil, entre maio e julho de 1999 (CHANDRAN, 2005).

Guerras intermitentes ou guerras crônicas – Essa é uma modalidade de conflito recorrente, onde há períodos de confronto seguidos de períodos de relativa calma. Muitas vezes os objetivos políticos nem sempre são claros ou vão sendo modificados com o tempo. Na modernidade, muitas vezes, estas guerras prolongam-se devido a fatores locais, como a própria economia de guerra, que passa a manter o conflito, geralmente incluindo a formação de lideranças locais chamadas de "chefes da guerra". Frequentemente ocorrem após guerras de independência, em países onde não ocorreu a consolidação de um Estado-Nação ou o Estado-Nação é muito frágil. Exemplo: a seqüência de batalhas entre a França e a Inglaterra conhecida como Guerra dos cem anos.

Guerra de guerrilha – É o tipo de Guerra que envolve o uso de pequenos contingentes militares, muitas vezes não estatais, contra um exército organizado, pertencente a um Estado formal. As guerrilhas geralmente utilizam-se do que se convencionou de "táticas de guerrilha", com grande mobilidade das forças, uso de emboscadas, ataques surpresa, ataques rápidos, seguidos de fuga, sabotagem e terrorismo, táticas de atrito e confronto indireto.

Guerra diplomática – É o confronto político que é considerado o estado "ideal" da guerra, ou seja, uma guerra em que prevalece a diplomacia ou o entendimento entre os povos, a estratégia e a racionalidade do entendimento, não havendo inspiração de ordem emocional ou moralista. Geralmente encontrada em sistemas internacionais propícios ao equilíbrio de poder, segundo Napoleão I, "...as guerras armadas nascem quando as guerras diplomáticas morrem..."

### 3.1.2 Segundo a abrangência do conflito:

Guerra mundial ou guerra global – É aquela que envolve nações de diversos continentes diferentes, com confrontos em mais de uma grande região ou oceano do mundo. Geralmente apresentam características de "Guerra Total" para alguns dos países que participam do conflito. Geralmente está em questão a disputa pela liderança mundial. Em alguns casos são formadas pela conexão de várias guerras regionais em um único confronto. Exemplo: I Guerra Mundial (1914-1918) e II Guerra Mundial (1939-1945).

Guerra inter-regional ou grande guerra – É a Guerra que envolve um conflito central entre dois ou três países que formam o núcleo do confronto, mas que acabam envolvendo vários países ou povos de toda uma macro-região, área continental ou duas regiões próximas. Pode contar, às vezes, com o envolvimento de poucos países extra-continentais ou extra-regionais participando como atores secundários. Um ou dois dos países centrais do confronto podem apresentar características de envolvimento de "guerra total", mas a maioria dos países se envolve como uma "guerra limitada". Geralmente está em questão a disputa pela liderança em uma macro-região ou continente. Alguns casos de conflitos deste tipo acabaram levando a confrontos ainda maiores, ou se tornando parte de uma Guerra

Mundial, como o caso da Segunda Guerra Sino-Japonesa (1937 a 1945), que se tornou uma parte da II Guerra Mundial. Exemplo: Guerra do Paraguai (1864 - 1870).

Guerra regional – Formato de "guerra limitada" que envolve diretamente ao menos dois países e envolve contingentes militares expressivos, geralmente com envolvimento indireto de outros países do continente ou região em questão. A escala desse confronto nunca atinge a de "guerra total" e, muitas vezes, quando a guerra tem uma duração maior no tempo, se torna comum a utilização de táticas de guerrilha. Geralmente, está, em questão, a disputa pela liderança regional. Exemplo: Guerra do Pacífico (1879-1883).

Guerra local e pequenas guerras – Modalidade de guerra claramente restrita no tempo e no espaço, que inclui guerras entre apenas dois Estados, em uma região claramente delimitada, sem uma escalada para a guerra regional nem o envolvimento direto de terceiros atores. Exemplo: Primeira Guerra Sino-Japonesa (1894-1895).

### 3.1.3 Segundo a forma ou desenvolvimento do conflito:

Guerra civil – É o conflito que envolve facções de uma mesma nação ou grupo. Possui como objetivo a separação (fratricídio) ou a tomada do poder. Exemplos: Guerra Civil Portuguesa e Guerra Civil Americana (Estados Unidos).

Guerra preservativa – Este tipo de guerra ocorre quando uma nação, estando sob a ameaça de outra, não encontra alternativa senão a de tomar a iniciativa do confronto, fazendo isso como forma de defesa. São consideradas "legais", de acordo com a Organização das Nações Unidas (1948) ou Liga das Nações (1918).

Guerra de partida ou Ataque é a melhor defesa – É quando a nação antecipa agressivamente o confronto, pelo conflito subversivo efervescente das massas, sem que existam provas consistentes o bastante para o justificar, antes do oponente do confronto. Exemplo: invasão do Iraque, que culminou na queda de Saddam Hussein.

Guerra por procuração – Ocorre quando nações confrontam-se indiretamente, financiando os conflitos efervescentes ou subvertendo as massas populares, cujos resultados dizem respeito aos interesses delas. Exemplo: ocasião em que os Estados Unidos financiaram a Grécia contra o avanço da influência soviética. Também podem ser consideradas guerras

por procuração, as situações em que um país ataca outro, servindo aos interesses de um terceiro, como na Guerra da Coreia ou na Guerra Irã-Iraque.

Guerra fria – Este tipo de Guerra ocorre quando nações digladiam-se pela liderança global, através de conflitos indiretos, de corrida armamentista e tecnológica, espionagem ou subversão, guerras por procuração, guerras doutrinárias, sempre evitando o confronto militar direto. Exemplo: Estados Unidos X União das Repúblicas Socialistas Soviéticas de 1945 a 1989.

Guerra subversiva, espionagem ou de guerrilha – É um tipo de guerra não convencional de confronto direto, no qual um dos grupos envolvidos pretende subverter a ordem estabelecida. Geralmente a principal estratégia utilizada é a ocultação e a extrema mobilidade de agentes autônomos, dos combatentes, geralmente envolvendo "guerra ou confronto de guerrilheiros". Embora a "subversão" seja encontrada em toda ou qualquer guerra, ou por atores não estatais ou pelos agentes do Estado invasor, nestes casos costuma haver uma clara vantagem dos grupos estabelecidos no poder sobre os subversivos. Exemplo: Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia, na Colômbia, e em guerras urbanas modernas, contra os diversos tipos de tráfico ilegal, que confrontam a sociedade e a cidadania, tentando formar um "estado paralelo" no exercício do poder.

Guerra revolucionária – É o tipo de guerra que ocorre durante uma Revolução ou que se segue a uma revolução ou golpe de Estado, onde um dos lados em confronto tem a intenção declarada de tomar o poder para modificar profundamente as estruturas políticas, econômicas e/ou sociais de um país. Muitas vezes tornam-se guerras civis prolongadas, quando o grupo revolucionário não tem condições políticas ou militares de tomar o poder. Exemplo: o período de 1918 a 1922 da Revolução Russa em que se confrontaram os exércitos bolcheviques ou vermelhos, contra os exércitos brancos, no que se chamam de Guerra Civil Russa.

Guerra psicológica ou de propaganda – É quando a população (de qualquer das partes) é manipulada para conseguir obter o seu apoio pela panfletagem e propaganda. A manipulação pode ocorrer mediante a transmissão de informações falsas e assistência médica, por exemplo. É a guerra psicológica, a manobra em que o interessado detém a

fidelidade do povo ao suprir, precariamente, suas necessidades básicas mas sem a intenção verdadeira de viabilizar soluções. Aparentando apoio e atenção, sem perder o foco voltado em mantê-lo (o povo) atado e fiel através do medo, ignora o fato que se trata apenas da manutenção de sua miséria sobrevivência. Dessa forma, o interessado os mantém calados, passivos, inoperantes e gratificados. Mantendo-os temerosos com seu futuro e ignorantes de cultura e informações da verdade, o interessado não terá oponente. Como exemplo, temos a guerra psicológica de propaganda de Adolf Hitler. Goebbels, o ministro da propaganda da Alemanha Nazista, afirmou que "... uma mentira dita várias vezes, acaba transformando-se em verdade, se não tiver respaldo legal que a negue..." Este é o princípio norteador da chamada "guerra psicológica".

#### 3.1.4 Segundo o tipo de armas estratégicas utilizadas:

Guerra de Corsário – É o tipo de guerra mais antiga conhecida, de preservação de soberania, que a Armada e/ou Exército chineses desenvolveram contra os Invasores de seus Territórios depois da Unificação da China. Consistia em conceder a pessoas, por missão ou carta de corso (ou "de marca") de um governo, autorização para pilhar navios de outra nação.

Guerra nuclear ou Terror Atômico – Também conhecida como "terrorismo estressante", em que foguetes de alcance mundial são utilizados para causar destruição total e irreversível no oponente. Trata-se do período específico da Guerra Fria, que vai de 1962 (período do presidente norte-americano John F. Kennedy e do líder soviético Nikita Khrushchov com a Crise dos mísseis de Cuba) até a queda do muro de Berlim (1989). Jamais houve esse tipo de guerra na realidade, mas a ameaça do terror iminente existiu, de haver o fim do mundo, o que inspirou de fato e de direito a Guerra Fria entre os EUA e a URSS.

Guerra biológica – Envolve como tática de guerra o uso de agentes biológicos nocivos (vírus, bactérias, doenças etc). É possível considerar que o uso de táticas deste tipo foram utilizadas de forma consciente ou inconsciente pelos atacantes em diversos momentos da história da humanidade, conforme descrito por Jared Diamond em seu livro *Armas, Germes e Aço*. A conquista da América teria inaugurado a guerra biológica em larga escala, pois os europeus trouxeram consigo doenças que dizimavam as populações nativas das Américas.

No século XX armas biológicas foram intensamente utilizadas durante a Segunda Guerra Mundial, pelas forças japonesas que atacavam a China e durante a Guerra da Coreia.

Guerra química – É aquela que envolve o uso de armas químicas. Esta modalidade de armas foi utilizada de forma ampla pela primeira vez na I Guerra Mundial de 1914 a 1918 e envolve a utilização de artefatos químicos, como gases venenosos como o mostarda, venenos ou napalm.

Guerra Regular – É a travada entre exércitos. Característica de Estados organizados e estáveis. Neste tipo de conflito geralmente existe a separação entre civis e soldados, assim como a separação entre territórios. Por se tratar de um conflito entre Estados, algumas regras podem ser seguidas (tratamento de prisioneiros, respeito à população civil, etc). Obedece à doutrinas que se alteram de tempos em tempos.

Guerra Irregular – É a travada entre um exército e uma guerrilha, ou entre guerrilhas. Não há campos de batalha definidos, uniformes ou divisões territoriais. Este modo de guerrear não oferece ao inimigo a “batalha decisiva”. A diferenciação entre civis e soldados torna-se mais difícil ou mesmo inexistente. Denúncias de abusos contra civis são habitualmente usados, pois ambos os lados precisam de apoio da população.

Guerra Simétrica – Guerra em que os oponentes apresentam equivalência técnica e numérica, bem como equivalência de meios e objetivos. Algumas guerras regulares encaixam-se neste perfil. Exemplo: Guerras Mundiais, Guerra Irã-Iraque, Guerra da Coreia.

Guerra Assimétrica – Guerra em que os oponentes apresentam diversas diferenças, tais como: nível de organização, objetivos, recursos financeiros, recursos militares, comportamento-obediência a regras. Em geral, são guerras irregulares (guerrilhas), insurrecionais ou entre potências e Estados pequenos. As ações do mais fraco são geralmente indiretas e visam desgastar o mais forte. Quando há vitória, esta geralmente não é militar, mas é alcançada pelo desgaste militar e político de um dos combatentes, em um nível que leva à desistência de lutar (LIND, 2005). Diferem da Guerra Irregular por tratar-se de conflito entre nações, enquanto aquela trata de conflito entre combatentes de uma



mesma nação. Já a Guerra Assimétrica pode chegar a uma forma de resistência a uma força adversa muito mais forte.

### 3.2 PRINCIPAIS CAUSAS DAS GUERRAS

Toda Guerra tem como causas as mais diversas, mas geralmente é possível identificar uma causa principal. Às vezes é difícil distinguir as causas reais de uma guerra, das justificativas e discursos adotados pelos atores envolvidos na guerra. As guerras totais geralmente envolvem várias das causas apresentadas a seguir, simultaneamente.

**Poder:** Todo tipo de guerra envolve em algum grau a disputa por poder. Geralmente a disputa por poder é mais clara nos conflitos envolvendo grupos políticos que querem tomar o controle sobre o Estado, em uma guerra civil ou revolucionária, ou em disputas envolvendo grandes potências pela liderança de uma região ou do mundo.

**Estratégia:** É a necessidade de base militar para dominar um outro inimigo como, por exemplo, a conquista da Dinamarca pela Alemanha Nazista cujo real objetivo era dominar a Noruega na Segunda Guerra Mundial.

**Economia e riqueza:** Responsável pela maior parte, senão a totalidade das guerras. Envolvem motivações econômicas, que vão desde a posse de bens ou riquezas, até o controle de recursos econômicos estratégicos. Podem ter por objetivo a conquista de territórios, recursos e mercados ou a eliminação de sistemas político-econômicos competidores rivais. São mais pronunciadas nas guerras modernas, quando os Estados já são orientados por uma lógica mais industrial-financeira e recursos muitas vezes raros tornam-se essenciais em determinados processos produtivos. Teoricamente conflitos deste tipo tenderiam a ser analisados pelos beligerantes em função de seu custo e benefício.

**Imposição de ideais:** Este tipo, mais amplo de causa, é gerada tanto por fatores isolados (religião, política ou economia) ou pelo simples fato de povos considerarem-se superiores aos outros, de grupos que consideram as características pessoais que possuem como sendo perfeitas, considerando todas as outras obsoletas. Neste tipo normalmente se atacam a cultura de determinado povo ou grupo rival, exterminando seus conhecimentos, suas idéias e opiniões sociais. Como exemplo, pode-se citar os holocaustos bibliográficos, onde os alvos principais são os centros detentores de conhecimentos, as bibliotecas.

**Classe social:** Algumas das guerras revolucionárias são consideradas como tendo como causa principal o confronto entre classes sociais distintas, fazendo gerar o confronto, como nos casos da Revolução Gloriosa, na Inglaterra, Revolução Francesa ou na Revolução Russa.

**Etnia e religião:** Estas motivações podem ocorrer em conjunto ou separadamente. Conflitos justificados por rivalidades étnicas e religiosas são o tipo mais antigo e permanecem atuais. O apelo étnico e religioso "justifica" o conflito como um dever histórico e o passado "fundamenta" a guerra do presente. Motivações deste tipo freqüentemente geram abusos, como o extermínio de populações inteiras, na forma de etnocídios e genocídios. Sua lógica precede a lógica da política moderna e do Estado, embora este tipo de justificativa continue sendo utilizada na atualidade para diversas guerras recentes.

## **4 O CAMPO DO PODER PSICOSSOCIAL**

Os Campos do Poder são divisões feitas sobre o Poder Nacional. O Poder Nacional, segundo o Manual Básico da ESG (Brasil, 2014), é concebido como uma conjugação, interdependente de vontades e meios, voltada para o alcance de uma finalidade. Didaticamente, os Campos do Poder devem ser sempre entendidos como um todo, uno e indivisível. Entretanto, para compreender os elementos estruturais, segundo o Manual Básico da ESG (Brasil, 2014), podemos estudá-lo segundo suas manifestações, que se processam por intermédio de cinco Expressões, a saber: Política, Econômica, Psicossocial, Militar e Científica e Tecnológica.

A Expressão Psicossocial é composta por elementos da conjuntura cultural, psicológica e social da sociedade em estudo. Pode ser entendida, resumidamente, pelos seguintes aspectos:

### **- CULTURA**

- a. Antecedentes históricos e sociais
- b. Instituições sociais
- c. Nacionalidades e etnias
- d. Língua oficial e dialetos
- e. Costumes e tradições
- f. Cidadania
- g. Exemplo

### **- NÍVEL DE BEM ESTAR DA SOCIEDADE**

- a. Dignidade da Pessoa Humana
- b. Indicadores em saúde (ex: mortalidade infantil, expectativa de vida ao nascer, saneamento básico)
- c. Renda
- d. Salário
- e. Habitação
- f. Educação
- g. Transferência de valores sociais
- h. Trabalho

- i. Previdência social
- j. Assistência social
- k. Seguridade social
- l. Segurança pública
- m. Urbanização
- n. Moral social e opinião pública
- o. Padrão de vida
- p. Alimentação e nutrição
- q. Ressentimento
- r. Religiões e ação das igrejas
- s. Turismo

#### - DINÂMICA ESTRUTURAL DA SOCIEDADE

- a. Instituições sociais
- b. Qualidade de vida (IDH)
- c. Expectativa de vida
- d. Envelhecimento da população
- e. Gênero
- f. Etnia
- g. Dinâmica familiar
- h. Dinâmica populacional
- i. Mobilidade social
- j. Circulação social
- k. Emprego
- l. Distribuição espacial das populações
- m. Equilíbrio e desequilíbrio sociais
- n. Movimentos sociais
- o. Migrações internas e externas
- p. Solidariedade e coesão interna
- q. Autodeterminação
- r. Sociedades
- s. Comunidades e sociedade civil organizada
- t. Organizações Não Governamentais

- u. Empresas
- v. Sindicatos
- w. Serviço de comunicação social
- x. Personalidades

Dessa forma, o estudo da Expressão Psicossocial nos permite compreender o comportamento da sociedade e seus aspectos comportamentais, referentes principalmente ao nível de satisfação e bem estar social em que determinada população se encontra.

## 5 A DERROTA DA ARGENTINA NO CAMPO DE BATALHA

Após a decisão de ocupar os três arquipélagos, o Governo da Argentina procurou o sensibilizar o povo, no sentido de apoiá-lo na política agressiva, apresentando as ocupações como um fato consumado, sem reversão, que deveria empolgar a alma argentina que, de geração em geração, aspirava por essa consumação (DUARTE, 1986).

Nesse sentido, o governo argentino buscava legitimar suas ações e reunir o terceiro elemento da chamada Tríade de Clausewitz<sup>3</sup>, o Povo, para o espectro do conflito, mantendo assim a impulsão para o combate e a união da nação para esse propósito.

A resposta foi positiva da população, a partir de uma campanha publicitária, ao passar a estimular o patriotismo do povo em benefício da guerra. O conflito, porém, foi se encaminhando para um triste fim para os portenhos, que custavam a acreditar, devido a propaganda psicológica oficial imposta ao povo, fazendo com que fosse alimentada uma esperança de vitória.

“Não somente devemos derrotá-los, mas também devemos fazê-lo de tal maneira que sua derrota seja tão esmagadora que nunca mais voltem a ter essa atrevida idéia de invadir nossa terra” – foi a exortação feita pelo Comandante da Guarnição das Malvinas aos seus soldados, com grande repercussão em Buenos Aires, a pouco mais de duas semanas da rendição, quando o Porto Argentino já quase inteiramente cercado.

O clima na Argentina era esse. Nas ruas de Buenos Aires, as pessoas simplesmente se irritavam quando alguém dizia que os ingleses estavam avançando (DUARTE, 1986). As propagandas era difundidas na televisão, no rádio, nos cinemas, na imprensa e nas ruas, sob o slogan “Argentina, a vencer”. Diante dessa difusão de extrema confiança, era difícil acreditar na possibilidade de uma derrota fulminante.

Entretanto, a Argentina restou como derrotada em seu objetivo principal do embate, que era obter a soberania sobre o arquipélago em disputa. O exército britânico conseguiu impor sua superioridade bélica ao final da guerra, desencorajando, ao menos temporariamente, a vontade da Argentina de combater.

Inicialmente, as Forças Armadas Argentinas conseguiram, em 2 de abril de 1982, grande êxito, ao tomar a capital do arquipélago, Port Stanley, em uma ação rápida, iniciada

---

<sup>3</sup> Carl Phillip Gottlieb von Clausewitz (Burg, 1 de junho de 1780 — Breslau, 16 de novembro de 1831) estabeleceu a Tríade da Guerra como a composição feita por Povo – Governo – Força Militar, como indispensável para a consecução de uma guerra em sua obra *Da Guerra (Vom Kriege)*, a partir da soma das vontades de todos esses elementos para o estabelecimento e manutenção de um estado de beligerância.

em 26 de Março do mesmo ano. Surpreendida, o inexpressivo contingente militar britânico que guardava a posição nas Malvinas, foi derrotado por uma força naval oriunda de Porto Belgrano. O Reino Unido tentou resolver de forma pacífica, exigindo a saída imediata das tropas argentinas da região. Porém, com a recusa argentina, os britânicos enviaram forças militares prontas para o combate para o arquipélago.

Ao longo dos 74 dias de confronto armado, a região recebeu um verdadeiro arsenal que pelo lado britânico contava com: sete mil soldados embarcados em navios; 34 caças e caças bombardeiros; 6 submarinos; 2 navios aeródromos; 2 navios anfíbios; 7 destróiers; e 15 fragatas.

Por seu turno, o poderio argentino contava com: 10 mil soldados nas ilhas; 67 caças bombardeiros; 54 caças; 60 aeronaves de ataque ao solo; 4 submarinos; 1 porta-aviões ligeiro; 1 cruzador ("General Belgrano"); 6 contratorpedeiros; e 3 fragatas.

O ataque às Ilhas Malvinas, que visava à obtenção da supremacia argentina e em ocasião que já se cogitava a existência de reservas de petróleo na região, resultou numa fracassada ação militar, que resultou num total de 990 mortes (somados ingleses, argentinos e população local); 1.843 feridos (1.728 portenhos e 115 ingleses); 11.428 prisioneiros (11.313 argentinos, 115 britânicos); e uma perda bélica, do lado argentino de: 35 caças; 25 helicópteros; 25 aviões tanques; 10 embarcações de espionagem armadas; 4 aviões de carga; 4 navios cargueiros; 2 caças bombardeiros; 2 barcos-patrolha; 1 cruzador; e 1 submarino. Já as perdas britânicas se resumiram em: 24 helicópteros; 10 caças; 2 contratorpedeiros ; 2 fragatas; 2 embarcações de desembarque; e 1 navio de carga.

Alguns aspectos são pontuados por Moreira (2008) para marcar o fracasso argentino durante o confronto armado:

Uma semana antes da rendição, a situação logística argentina tornara-se crítica. Os estoques estavam no fim. O maior fracasso logístico argentino, no entanto, deveu-se à sua dependência de fontes externas para a obtenção de importantes peças de reposição, necessárias à manutenção de equipamentos e sistemas em condições operacionais.

Outros fatores podem ser alinhados entre as causas do resultado negativo aos argentinos, tais como o emprego de tropas inadequadas e mal preparadas. Além disso, houve uma excessiva postura defensiva, com pouca flexibilidade e agressividade, entregando toda a iniciativa ao oponente.

A busca por armamentos e materiais sobressalentes para o conflito, na tentativa de ressuprir a tropa argentina e modificar a situação do combate fez com que aviões comerciais fossem modificados para o tráfico de armamento da Líbia até a Argentina. O transporte ocorria durante a noite, com aeronaves atravessando o Oceano Atlântico, com seus radares e luzes desligadas para não serem detectadas pelos radares e vigilância inglesas. A maioria desses vôos foram realizados entre 7 de abril a 9 de junho de 1982, sendo dois desses provenientes de Tel Aviv (Israel), um com escala na Venezuela e Peru, e outro com escala no Peru, quatro para Trípoli (Líbia) e um para a África do Sul.

Entretanto esse reforço externo dado à Argentina não foi suficiente para fazer frente ao poderio britânico. Cabe ressaltar que as forças portenhas foram duplamente prejudicadas. Em primeira análise, seus vizinhos não colaboraram para o incremento de forças visando a defesa argentina. Ao contrário, o Chile colaborou com o serviço secreto inimigo; e, por outro lado, o Brasil, maior país do continente sul-americano, adotou um tom de neutralidade e não colocou suas forças a disposição, provavelmente para não se indispor com o Reino Unido e os EUA, deixando passar por seu território alguns carregamentos oriundos de outros países e quiçá parco auxílio bélico velado, para não configurar apoio a nação vizinha.

No que tange à situação geopolítica, as divisas argentinas no exterior sofreram congelamento e bloqueio sistemático de países europeus, bem como o não apoio norte-americano, conforme transcritos de documentos do então diplomata Antônio Azeredo da Silva, na época com a chefia da embaixada em Washington:

1) A decisão do Governo norte-americano de solidarizar-se com o Reino Unido, na questão das Malvinas e de prestar-lhe inclusive apoio militar representou um rude golpe para as relações dos EUA não só com a Argentina, mas também com o conjunto de países da América Latina (em ambos os casos as dimensões, os interesses do Brasil ficam afetados dadas as nossas relações tanto com Washington quanto com Buenos Aires, e a posição de nosso país na política regional).

2) (...)

3) É muito ampla a irritação entre os países latino-americanos de língua espanhola com a atitude dos EUA. De várias fontes, se sucedem as acusações de que os EUA teriam violado os seus compromissos de segurança com o TIAR (e, conseqüentemente, com os países da América Latina) e as declarações de que o sistema interamericano em sua totalidade, estaria destruído ou, pelo



menos, afetado de forma muito grave. O Brasil não pode e não quer ficar indiferente a essa situação. ( AAS ew 1982.01.21, I-58 – A/10)

A economia da Argentina, que já apresentava sinais de dificuldades crescentes em obter empréstimos no exterior, vai ter grandes óbices em enfrentar o poderio britânico, o que vai culminar em sua derrocada, e este fato já era analisado pela nossa diplomacia

Com a escalada da crise das falklands, essa percepção tende a se modificar, em vista do congelamento dos ativos argentinos na Inglaterra, do embargo de trinta dias impetrado pela CEE às importações de produtos argentinos e da possível deterioração da situação interna da economia ( AAS ew 1982.04.02, I-17)

Dessa maneira, ainda que com vitória inicial argentina, a reação inglesa não tardou e, no final de abril de 1982, 100 navios de guerra e 27 mil soldados britânicos aportaram nas ilhas, para conquistar no campo de batalha, uma vitória que se mostrava cada vez mais evidente diante dos diferentes cenários econômicos de cada contendor.



Figura 02 – Mapa com distâncias das Ilhas Malvinas à Argentina e ao Reino Unido  
Fonte: Bandeira et al. (2012)

Embora tivessem a vantagem da proximidade territorial, os argentinos não

conseguiram fazer frente ao preparo dos militares britânicos e também à superioridade bélica. Enquanto os britânicos combateram com 100 navios de guerra, os argentinos tinham apenas 40. Os britânicos também contavam com aviões de combate de última geração.

Ainda que com uma vitória inicial, os argentinos foram plenamente rechaçados pela tropa britânica no decorrer do conflito. A Guerra das Malvinas, de caráter regional, revelou, dessa maneira que, em termos costeiros, a guerra aeronaval não havia mudado muita coisa desde a Segunda Guerra Mundial, de abrangência global. A maioria dos navios afundados se perdeu nas mãos de aviões, por meio de ataques rasantes, empregando também bombas, foguetes e canhões.

O Reino Unido empregou com eficácia seus submarinos modernos na hora de conter a frota inimiga. A carência de submarinos modernos por parte da Argentina, e sua grande disponibilidade por parte do Reino Unido, foi decisiva para conceder a este último o domínio marítimo na guerra.

A vulnerabilidade dos navios britânicos frente aos ataques aéreos argentinos não foi suficiente para impor decisiva derrota à coroa, resultando sim em um duro ensinamento, não só para o Reino Unido, mas também para quase todas as forças navais do mundo, que vieram a necessidade de modernizar os radares e as defesas contra mísseis de seus navios com novas proteções, como o sistema de defesa de área.

Outro ponto, também decisivo no conflito, foram os caças modernos subsônicos com eletrônica de ponta e pilotos bem preparados (Harrier britânicos), superiores aos caças supersônicos de alta velocidade com uma eletrônica mais antiga e pilotos menos treinados do lado argentino (Mirage). Os Harriers impuseram superioridade aérea no primeiro combate de caças a jato da América Latina.

O conflito deixou as Forças Armadas Argentinas debilitadas em equipamento, pessoal e moral. Perdeu-se a supremacia na região, implicando com a perda de prestígio da cúpula militar, tendo as verbas e gastos militares mais controlados nos anos seguintes.

<i>Saldo geral da Guerra das Malvinas</i>		
	<b>Perdas argentinas</b>	<b>Perdas britânicas</b>
<b>Navios de guerra:</b>		
<i>Afundados:</i>	4	6
<i>Gravemente danificados:</i>	1	15
<b>Navios de apoio:</b>	6	9
<b>Aviões de guerra:</b>	58	11

<b>Aviões de apoio:</b>	2	3
<b>Helicópteros:</b>	2	21
<b>Vidas humanas:</b>	649	258
<b>Feridos:</b>	1.068	777

Figura 03 – Saldo Geral de perdas na Guerra

Fonte: Iglesias (2012)

Após a derrota no conflito, a questão da soberania sobre o arquipélago foi questionado diversas vezes pela Argentina, em especial junto à ONU. Recentemente, em 2016, uma decisão das Nações Unidas ampliou o limite da plataforma continental da Argentina, deixando dentro de seu território as Ilhas Malvinas.

A decisão da ONU foi anunciada em março de 2016 pelo Ministério Argentino das Relações Exteriores e atende a uma petição apresentada pela Argentina em 2009. Com o aval das Nações Unidas, o país passaria a incorporar 1,7 milhão de quilômetros quadrados e aumenta em 35% sua superfície atual. Entretanto, um porta-voz de David Cameron, então primeiro-ministro inglês, declarou que o governo britânico não recebera qualquer informe oficial sobre o assunto e ressaltou que a comissão da ONU "é apenas um órgão de conselho".

"É importante notar que é um comitê de conselho, que faz recomendações que não são legalmente obrigatórias. Essa comissão não tem jurisdição sobre questões de soberania", diz o comunicado britânico, que acrescentou ainda que "o importante é o que pensam os moradores das ilhas Falkland. Eles deixaram claro que querem ser um território britânico e apoiamos seu direito de determinar seu futuro".

A mensagem diz ainda que "uma das comissões analisou a questão do território marítimo em litígio. Ainda não recebemos o relatório. Não devemos nos apressar. Há especulações de que o relatório veio da Argentina. Devemos aguardar aquele que virá da comissão (da ONU)".

O presidente da Parlasul (Parlamento do Mercosul), Jorge Taiana, asseverou, por ocasião da polêmica que "As Ilhas Malvinas estão dentro da plataforma continental argentina". Em 2009, quando foi apresentada a solicitação às Nações Unidas, Jorge Taiana era chanceler da então presidente Cristina Kirchner. Taiana explicou que, "de acordo com a

Convenção sobre os Direitos do Mar, as ilhas Malvinas são argentinas. Agora, a Argentina tem direito soberano sobre o fundo do mar, a exploração de hidrocarbonetos e sobre os animais".

Diante dessa situação, a Argentina, ainda que com o aval da ONU, não demonstra interesse em suscitar nova disputa, ao menos por enquanto, contra o Reino Unido, mantendo as discussões apenas no campo diplomático, ciente ainda de que provavelmente não contará com apoio internacional que não teve por ocasião da Guerra.

## 6 A DERROTA DO GOVERNO ARGENTINO APÓS A GUERRA

O comportamento da população variou bastante antes, durante e após o conflito das Malvinas em relação ao apoio ao governo nacional. A nação era governada por uma junta militar desde 1976, após substituir o governo da presidente Isabel Perón.

Antes do início do conflito, a Argentina que tinha como chefe da Junta Militar o General Leopoldo Galtieri, sofria com forte antagonismo popular, fruto das acusações de tortura e assassinato por parte dos militares (ROMERO, 2006), pressão essa encabeçada por grupos como as “avós da Praça de Maio”, que buscavam por crianças supostamente seqüestradas pelo regime militar, após terem seus pais seqüestrados e mortos.



Figura 04 – General Leopoldo Galtieri

Fonte: Martins (2008).

A situação econômica deficiente também prejudicava o apoio popular ao governo. A Argentina sofria com forte recessão econômica no início dos anos 1980, com forte inflação e grave desaceleração econômica.

Diante desse cenário, a Argentina passou a reivindicar a soberania sobre o território das Ilhas Malvinas, ocupada em grande parte por população de origem européia. A justificativa política dava-se por conta de o arquipélago estar dentro limite exterior de seu mar territorial, que é de 12 milhas náuticas (22 km), de acordo com a Convenção dos

Direitos sobre o Mar, cujo texto fora aprovado durante a Terceira Conferência das Nações Unidas sobre o Direito do Mar, que se reuniu pela primeira vez em Nova York em dezembro de 1973, convocada pela Resolução n. 3067 (XXVIII), da Assembléia Geral da ONU, de 16 de novembro do mesmo ano. Dessa forma, a Argentina entendia as Malvinas como um território dentro da sua zona marítima contígua ao território do Estado costeiro argentino e sobre a qual se estendia a sua soberania. A ação argentina, para sua população, possuía respaldo e justa reivindicação.

Com isso, as vitórias iniciais diante da fraca resistência inglesa no arquipélago, trouxeram bastante euforia. Até mesmo opositores que, apenas três dias antes participaram da primeira grande manifestação massiva contra o regime militar, na qual cerca de 50 mil pessoas pediam “Paz, pão e trabalho”, naquela mesma Praça de Maio, aderiram às comemorações pela recuperação das Malvinas, então ocupada há 150 anos pelos ingleses.

A campanha publicitária que passou a estimular o patriotismo estimulou uma resposta positiva da população em benefício da guerra. Ainda que a guerra caminhasse inexoravelmente para um fim não favorável, a campanha psicológica fez com que o povo argentino prosseguisse alimentando uma esperança inatingível (DUARTE, 1986).

Quando já estava claro que a Grã-Bretanha decidira pagar qualquer preço para vencer, os militares argentinos ainda garantiam estar dispostos a derramar a última gota de sangue, juravam que a bandeira que panejava ao gélido vento das Malvinas, ali hasteada desde 2 de abril, jamais seria arriada. Os ingleses se aproximavam da capital do arquipélago e nem assim admitiam, os portenhos, a possibilidade de uma derrota. “Não somente devemos derrotá-los mas também devemos fazê-lo de tal maneira que sua derrota seja tão esmagadora que nunca mais voltem a ter essa atrevida idéia de invadir nossa terra” – foi a exortação feita pelo Comandante da Guarnição das Malvinas aos seus soldados, com grande repercussão em Buenos Aires, a pouco mais de duas semanas da rendição, quando o Porto Argentino, já quase inteiramente cercado, contava pelos dedos seus dias. (DUARTE, 1986).

Este era o clima na Argentina. Nas ruas de Buenos Aires, as pessoas simplesmente se irritavam quando alguém dizia que os ingleses estavam avançando. Julgavam ser mentira e que não podia ser. No consciente coletivo, a Argentina estava ganhando a guerra, a vitória era inevitável e os britânicos teriam que bater em retirada. Na televisão, no rádio, nos cinemas, na imprensa e nas ruas, o que se via era a propaganda oficial, apresentada por uma mão fechada, polegar para cima e a legenda: “Argentina, a vencer”. A marchinha

das Malvinas e depois uma outra, baseada no slogan “Argentina, a vencer”, eram tocadas constantemente. Entre outras coisas, os versos diziam: “Jamais nos vencerão, jamais nos vencerão”. Diante desse envenenamento psicológico, era difícil acreditar na possibilidade de uma derrota fulminante (DUARTE, 1986).

O governo militar não se apercebeu, ou não desejou avaliar o nefasto clima que fomentava ou, se o percebeu, não encontrou um meio de mudá-lo. O único acréscimo feito à campanha publicitária foi uma sutileza, para tentar evitar a reação oposicionista. À frase “Vamos vencer”, juntou-se “Unidos é mais fácil” (DUARTE, 1986).

Entretanto, com o revés britânico e diante da derrota inevitável, o apoio popular mudou de lado. Após os 74 dias de conflito, as manifestações contrárias ao governo intensificaram-se, acusando-o agora de aumentar os gastos do país em um conflito diante de um cenário catastrófico da economia.

Enquanto os veteranos britânicos foram recebidos com pompa em seus países, soldados argentinos entraram no país quase escondidos pelas Forças Armadas e foram alvo de desdém. Eram mais de 11 mil prisioneiros sobreviventes deportados de volta ao continente. A alegada irresponsabilidade da operação aumentou o desprestígio da junta militar, que dois dias depois iniciou uma transição de governo.

O fracasso argentino nas Malvinas, dessa maneira, adiantou a queda do General Galtieri, removido do cargo no dia 18 de junho, apenas quatro dias depois do fim da guerra. Meses mais tarde, já com o general Reinaldo Bignone no poder, o regime ainda sentia o peso da rejeição popular e acabou convocando eleições presidenciais para outubro de 1983.

## **7 ANÁLISE DA ARGENTINA NO CAMPO PSICOSSOCIAL EM CONSEQUENCIA DAS MALVINAS**

Após o Conflito das Malvinas, a Argentina sofreu alterações em seu campo psicossocial, principalmente no que tange ao comportamento da sociedade em relação às Forças Armadas. Como abordado no capítulo anterior, os militares egressos dos campos de batalha além mar foram recebidos com desconfiança e até com desdém pela população nacional, por conta da derrota e dos custos gastos sem o sucesso esperado. Tudo isso gerou várias conseqüências e reflexos no campo psicossocial do país, relacionados à essa experiência frustrada em combate.

Como já abordado no capítulo 4, a análise sob o prisma do Campo do Poder Psicossocial percorre os fatores culturais e sociais da nação. Nesse diapasão, será analisado com enfoque para o que o Conflito das Malvinas gerou na sociedade e como isso modificou a conjuntura da sociedade.

Com relação aos antecedentes históricos e sociais, a Argentina, antes do Conflito das Malvinas, atravessava difícil momento econômico, com elevada taxa de inflação e grave crise financeira. A guerra e, suas conquistas iniciais motivaram e uniram boa parte da população pelo sentimento de reconquista de território a ela reivindicada. Entretanto o desenrolar do com conflito, com a posterior derrocada argentina, trouxe o país novamente à realidade de crise e desânimo perante a precária situação econômica.

A população da Argentina é composta atualmente por maioria de raça branca, representando cerca de 97% da população (INDEC, 2007). Essa predominância é conseqüência da imigração européia do início do século XX, sendo que a maioria é de origem espanhola ou italiana. O fato de ser pequena a população de negros no país é resultado da Guerra do Paraguai e de uma epidemia de febre amarela, que dizimou grande parte dos negros que viviam na Argentina, trazidos para o país por traficantes de escravos ainda na época da colonização. Quanto a religião, 92% da população são Católicos. O restante se divide entre Judeus (2%), Protestantes (2%) e outras (4%). Dessa maneira, a população é bastante homogênea, o que pode favorecer a unidade de comportamento.

O idioma oficial no país é o espanhol, chamado de castellano pelos argentinos. No interior da Argentina são faladas algumas línguas indígenas como o guarani, o araucano ou o quíchua, mas de maneira pouco expressiva. Essa predominância do dialeto também favorece a unidade nacional.



A cidadania na Argentina foi um aspecto que se modificou bastante após a Guerra das Malvinas. Após a derrota no campo de batalha, o regime militar, detentor do poder político do país desde 1976, foi derrotado também no campo político. A grave crise financeira, somada ao fracasso no conflito desenrolado nos arquipélagos tornou insustentável a permanência dos militares à frente do governo, sendo convocadas eleições diretas para presidente no ano de 1983, permitindo o exercício pleno da cidadania no país a partir daí.

Os indicadores sociais do período da Guerra das Malvinas mostram um cenário ruim para a nação. O plano neoliberal implementado na década de 1980 causou o colapso do setor industrial, a concentração da riqueza, polarização nas classes sociais, levando a população a perder o padrão de vida que tinham alcançado a metade do século XX. Durante os primeiros anos do regime militar, o salário real caiu para menor nível desde os anos 30 (OIT, 1988). A pobreza, a partir dos anos 40 são sempre localizados abaixo de 5%, subiu para 37,4% em 1982, números inéditos para o país, aspecto que permaneceu durante as duas décadas seguintes após o conflito.

A presença de movimentos sociais foi um aspecto que marcou o antes e o depois do período da Guerra das Malvinas. A reivindicação por desaparecidos políticos foi o principal mote desses movimentos sociais, capitaneados principalmente pelo chamado “Mães da Praça de Maio”, que buscavam por filhos supostamente assassinados durante o regime militar. Segundo dados da Secretaria de Direitos Humanos da Nação Argentina, esse número era de cerca de 13 mil pessoas, até 2003.

A autodeterminação é um aspecto peculiar da nação Argentina desde o século XIX e que não se abalou com o final da Guerra das Malvinas. A independência da Argentina, em 9 de julho de 1916 consolidou a criação da segunda maior nação sul-americana. Mesmo diante de vários conflitos, dentre os quais o das Malvinas, sua autodeterminação não correu risco de existência, muito embora, tenha saído especialmente enfraquecida desse embate.

Após o fim dos Conflitos das Malvinas, uma série de ONGs passaram a orbitar a esfera argentina. O esvaziamento do apoio popular às ações do governo militar e a denúncia de crimes de tortura e assassinato desse período fizeram surgir ONGs como a Anistia Internacional Seção Argentina, a Assembléia Permanente por Direitos Humanos e a Associação de Ex-Detentos e Desaparecidos, mantendo pressão sobre o judiciário e legislativo do país no sentido de intensificarem buscas e julgamentos por eventuais criminosos do período.

Nota-se, também, forte presença de ressentimento no âmago da sociedade argentina com relação aos militares do país. A responsabilização por conta de períodos árdios de dificuldade financeira da nação, a partir da década de 1980, coincidente com a presença militar na política e com a declaração de guerra ao Reino Unido e gastos nesse conflito; além dos supostos crimes cometidos durante o regime militar, fizeram com que a classe militar sofresse revés da nação, refletindo em diminuição dos investimentos ao setor bélico e baixo reajuste em seus salários, o que resultou inclusive em protestos no ano de 2012, por conta de medida que reduzia seu salário (que para oficiais era, na época, em média de 2 mil pesos, ou seja, cerca de 1 mil reais).

Por outro lado, não é percebido ressentimento em relação à nação beligerante do conflito das Malvinas. Segundo reportagem da Folha de São Paulo de 2012, cresce o número de britânicos que visitam a Argentina a cada ano, sem sofrerem qualquer hostilidade da população local. Da mesma forma, os argentinos podem visitar sem embargos, o solo britânico. Ainda, segundo dados da empresa Aerolines Argentinas, cerca de cem turistas argentinos visitam por ano o arquipélago objeto do conflito, demonstrando total superação da questão entre os populares.

Outro aspecto psicossocial a se destacar é o estado em que voltaram os combatentes do conflito. Muitos dos que lutaram nas Malvinas voltaram com graves problemas psicológicos, agravados pela crise financeira em que encontraram na nação e pela falta de assistencialismo social. Os centros de veteranos indicam que, desde o fim da guerra, mais de 450 ex-soldados suicidaram-se por estarem mergulhados em profundo estado de depressão. Esse número é superior ao de soldados mortos em batalhas nas ilhas, que foram um total de 326; outros 323 morreram quando um submarino britânico torpedeou o cruzador General Belgrano.



Figuras 05 – Militares argentinos derrotados em Porto Stanley

Fonte: Martins (2008)

No que tange à personalidades marcantes da cultura argentina, nomes relevantes, inclusive da história da humanidade se destacam. Além de artistas como Carlos Gardel, Mercedes Sossa e Astor Piazzolla, e esportistas como Maradona e Juan Manuel Fangio, surgem nesse ínterim as figuras de Che Guevara e Izabelita Perón (FERRER, 2001), ambos ligados à luta política por movimentos sociais, marcando a extrema politização da cultura nacional.

Com relação a população da atual Ilhas Malvinas, cabe destacar um importante aspecto: a maioria dos moradores expressou vontade de estar sob a bandeira do Reino Unido. Embora a recente resolução 502 da ONU, de março de 2016, reconheça o arquipélago como integrante da plataforma continental argentina, em 2013, quase todos os 3 mil habitantes das Malvinas se manifestaram em um referendo a favor de continuar sob a soberania britânica. O reino Unido, por meio de seu então primeiro-ministro David Cameron, contemporizou a decisão, citando que a comissão da ONU "é apenas um órgão de conselho".

## CONCLUSÃO

O Conflito das Malvinas foi um evento marcante na história da humanidade. De maneira especial, para as nações contendoras e para o território em litígio, principais atores do evento e que sofreram os óbices de uma Guerra em uma análise imediata. Envolveu, de sobremaneira, também outras nações. Foi um conflito ocorrido na época da Guerra Fria e que envolvia dois aliados do bloco capitalista desse embate ideológico. Dessa maneira, causou embaraço ao país baluarte do sistema econômico ocidental, qual seja, os EUA. Da mesma forma, trouxe desconforto à geopolítica local, uma vez que, além de trazer risco ao subcontinente sul-americano, trazia o mesmo constrangimento diplomático às nações da região, em especial ao Brasil que, em escolhendo um dos lados do conflito, o faria abrir mão das alianças estratégicas e projeções econômicas futuras com o outro país ou bloco de países.

Assim, a Argentina batalhou em campo de batalha, experimentando vitória inicial arrasadora, valendo-se do princípio de guerra da surpresa, impondo humilhação ao limitado e inexpressivo efetivo britânico presente no arquipélago. Entretanto, a situação inicial logo mudava, com o aporte de efetivo militar inglês às ilhas e com a ausência de esperado apoio externo.

A população argentina que, com as vitórias iniciais saudava o júbilo militar em reconhecimento à retomada da soberania em território contestado, logo voltou às críticas ao governo nacional, que tinha a frente uma junta militar, já desgastada pelas acusações de assassinato a opositores políticos e pela ineficiência diante do cenário de crise econômica.

Como conclusão, pode-se extrair que o Conflito das Malvinas teve amplas conseqüências para a Argentina, não restritas apenas às perdas militares, econômicas e de vidas. O fracasso no campo de batalha teve, como reflexo, a insustentabilidade do governo militar portenho, sendo convocada logo em seguida eleições democráticas no país.

Além disso, na Argentina, apresentou-se um quadro de desprestígio aos militares, refletindo na diminuição dos investimentos e do poder relativo de compra de seus salários, por falta de reajustes ao longo dos anos que se seguiram.

Por fim, a Argentina, ainda que com apoio da comunidade internacional e de importantes Organismos Internacionais, como a ONU, não demonstra ter interesse em reivindicar, com veemência, a soberania sobre as Malvinas, devido em muito à falta de apoio da população nacional.

Nesse sentido, infere-se que, no país portenho, as grandes mudanças necessárias

para a reivindicação da soberania sobre as ilhas só serão empreendidas quando surgirem lideranças capazes de canalizar o anseio da nação argentina para novos rumos na área geográfica considerada.

## REFERÊNCIAS

- ANDERSON, Duncan. **The Falklands War 1982**. Londres. Elms Court Osprey, 2002.
- ARGENTINA. IDEC. Censo demográfico, 2007.
- BANDEIRA, L. A. Moniz. Guerra das Malvinas: petróleo e geopolítica. **Revista Espaço Acadêmico**, ano 11. n. 132, p. 157-165, maio 2012.
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. 292 p.
- \_\_\_\_\_. Exército. Estado-Maior. C 124-1: **Estratégia**. 3. ed. Brasília, DF, 2001.
- \_\_\_\_\_. Exército. Estado-Maior. MD 51 M-04: **Doutrina Militar de Defesa**. 2. ed. Brasília, DF, 2007.
- \_\_\_\_\_. Exército. Escola Superior de Guerra. **Manual Básico**. Rio de Janeiro, RJ, 2014.
- CARDOSO, C. D; CARDOSO, O. V. As Malvinas são argentinas? **Revista Tribunal Regional Federal da 1ª Região**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 5, p. 53-56, maio 2010.
- CERVO, A. L. **Relações Internacionais da América Latina: velhos e novos paradigmas**. 2. ed. rev. e atual. São Paulo: Saraiva, 2007.
- CHANDRAN, Suba. "**Limited War: Revisiting Kargil in the Indo-Pak Conflict**". India Research Press: Nova Deli, India, 2005.
- CRESWELL, John W. **Projeto de Pesquisa: Métodos Qualitativo, Quantitativo e Misto**; Tradução Magda Lopes. – 3 ed. – Porto Alegre: ARTMED, 296, p, 2010.
- DUARTE, Paulo de Queiroz. **Conflito das Malvinas**. 1ª Ed. Rio de Janeiro: BIBLIEX, 1986.
- FERREIRA, A. B. H. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 2ª edição. Rio de Janeiro. Nova Fronteira. 1986. p. 876.
- FERRER, Aldo; OLIVEIRA, Julio & Iglesias, Enrique. El trienio peronista 1973-1976. Buenos Aires, 2001
- FOLHA DE SÃO PAULO. Ed. 22 de janeiro, São Paulo, 2012.
- GOEBEL, J. **La pugna por las islas Malvinas**. Buenos Aires: Yale University Press, 1951.
- IGLESIAS, F. A. **La cuestión Malvinas: crítica Del nacionalismo argentino**. Buenos Aires: Aguilar, 2012.
- LIND, W. "Compreendendo as Guerras de Quarta geração". **Military Review** (port.), pg. 12-17, 2005.

- MARTINS, José M.Q. **Digitalização e guerra local: fatores do equilíbrio internacional**. Tese de Doutorado em Ciência Política, UFRGS, Porto Alegre, 2008.
- MOREIRA, Artur L. S., 2008. apud RIBEIRO, Ana K. L et al. Conflitos das Ilhas Malvinas: análise da disputa diplomática Argentina–Inglaterra. **Âmbito Jurídico**, Rio Grande, v. 16, n. 112, maio 2013.
- RAPOPORT, Mario. **Historia Económica, política y social de la Argentina**. Emecé:Colihue, Bueno Aires, 2007.
- ROMERO, Luis Alberto. **História Contemporânea da Argentina**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.
- ROSA, José María. **Historia Argentina (1492-1946)**: Juan C. Granda, Buenos Aires, 1965